

Denis Ménochet
empolga plateias
internacionais



PÁGINA 3

Entenda a
ascensão de
Taylor Swift



PÁGINA 5

Monólogo
traduz as dores
de Sofia Tolstói



PÁGINA 6

2º CADERNO

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Com 505.164 ingressos vendidos até o fim de semana, marca isso que deve se expandir nas aferições de bilheteria esperadas para esta terça-feira, “Nosso Sonho – A História de Claudinho e Buchecha” se estabelece como “A” bilheteria brasileira de 2023 até o momento.

Seu diretor, Eduardo Albergaria, vê seu nome se associar a um fenômeno popular que gruda em corações e mentes sobretudo no subúrbio. É gente saindo pelo ladrão das sessões do Kinoplex Norte Shopping e do cinema de Madureira.

Comovente do começo ao fim, sem ser excessivamente melosa um segundo que seja, a produção estreou no fim de setembro, apostando no carisma da dupla que ajudou a levar a alegria e a resiliência das periferias cariocas para a música. Desde então, segue em circuito.

À luz elegante da fotografia de João Atala, Lucas Penteado e Juan Paiva encarnam os bardos românticos por trás de “Só Love” e “Fico Assim Sem Você”. Não por acaso, ao longo de uma carreira meteórica, interrompida pela morte de Claudinho (num acidente na Dutra, na altura de Seropédica, em 2002), os dois cantaram: “Nossa história vai virar cinema/ E a gente vai passar em Hollywood, mas/ Se ninguém gostar não tem problema/ Meu bem um grande amor/ Não há quem mude”.

Fundador da produtora Urca Filmes, usina de séries e documen-



Lucas Penteado e Juan Paiva esbanjam carisma no comovente ‘Nosso Sonho’

Quero ter meio milhão de amigos

Em tempos de vacas magras nas bilheterias nacionais, ‘Nosso Sonho’, a saga da dupla funkeira Claudinho e Buchecha, vira ‘O’ sucesso brasileiro do ano, com 505 mil ingressos vendidos

tários, Albergaria despontou na direção com o curta-metragem “Achados e Perdidos” e estreou na direção de longas com uma trama romântica meio argentina, meio carioca, chamada “Happy Hour” (2018).

“Niteroiense de origem, sou do ingá, da rua Pereira Nunes, vizinho da faculdade de cinema da UFF, onde sonhava estudar até que Col- lor nos atravessou e fez este sonho parecer impossível. Adiei o cinema por alguns anos até que não aguentei mais. Estou com 50 anos”, diz o cineasta.

Estima-se que “O Sequestro do Voo 375”, “Tá Escrito”, “Os Farofeiros 2”, “Nosso Lar 2 – Os Mensageiros” e “Mallandro – O Errado Que Deu Certo” sejam os próximos sucessos do Brasil nas telas.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Madonna costuma interagir com brasileiros

Sem citar datas, Madonna anuncia show no Brasil

Os fãs brasileiros de Madonna já podem preparar o bolso se quiserem ir a um show da cantora no Brasil. A diva pop afirmou em uma apresentação na Alemanha que vai vir ao país - mesmo não citando datas. “Quantos brasileiros nós temos na casa? Estarei lá em algum momento”, disse, durante uma conversa com a plateia.

Raia será Tarsila

Claudia Raia será Tarsila do Amaral no musical “Tarsila, a Brasileira”, que estreia em São Paulo a partir de janeiro. Jarbas Homem de Mello dará vida a Oswald de Andrade, escritor e artista modernista que foi casado com Tarsila.

Reforço

A Globo decidiu escalar a dramaturga Renata Corrêa, que fazia parte da equipe de roteiristas de “Vai na Fé” (2023), para reforçar o time de autores de “Fuzuê”, novela que tem sofrido com baixa audiência na faixa das sete da Globo.

Atualmente, ela passa por vários países com a turnê “Celebration”, que comemora seus 40 anos de carreira. Madonna vira e mexe interage com brasileiros. Num show em Portugal, foi chamada de “gostosa” e respondeu: “Obrigada pelo ‘gostosa’, eu entendo. Deve ter sido um brasileiro. Há muitos brasileiros lindos no mundo”.

Às cegas

A última temporada do The Voice Brasil, que estreia no dia 28, promete surpresas. Um cantor que fez parte do corpo de jurados se apresentará às cegas para os colegas. A intenção é descobrir se os técnicos têm mesmo talento para descobrir uma voz.

Acervo

A fotógrafa artista Andréa Bretas doou ao Museu da História e da Cultura Afro Brasileira - MUHCAB e ao Instituto de Instituto e Memória Pretos Novos (IPN) parte de seu acervo que contém obras realizadas a partir de uma viagem para a África.



Toni Servillo, ao centro, é o Pirandello de ‘La Stranezza’

Pirandello nas telas

Roberto Andò constrói uma comédia requintada calcada na personalidade do consagrado escritor e dramaturgo

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Embora não integre o bonde que mantém o cinema italiano vivo nos grandes festivais (no qual brilham Nanni Moretti, Alice Rorwacher, Marco Bellocchio, Paolo Sorrentino, Laura Bispuri, Mario Martone e Matteo Garrone), o diretor siciliano Roberto Andò construiu uma estética muito particular de 1995 até hoje, por meio de 12 produções para o cinema e dois telefilmes, ligado a tramas sobre o descontrole.

Toni Servillo, espécie de Raul

Cortez da Itália, famoso aqui por “A Grande Beleza” (2013), é seu ator fetiche, e ajudou a popularizá-lo fora da Europa com o êxito comercial de “Viva a Liberdade” (2013), irônica alegoria política. Servillo volta a escudar o cineasta em “La Stranezza”, que entra em cartaz nesta quinta, batizado de “A Estranha Comédia da Vida”. Sua direção de arte, recriando o Velho Mundo dos anos 1920, é um primor.

Longa de abertura da seleção carioca da 8½ Festa do Cinema Italiano 2023, em junho, “La Stranezza” esbanja bom humor. É estimulante a ideia de ver Servillo no papel de um ícone da prosa:

Luigi Pirandello (1867-1936), dramaturgo e autor de “O Falecido Matias Pascal” (1904) e “Assim É (Se Lhe Parece)” (1917), ganhador do prêmio Nobel em 1934. O audiovisual da pátria de Fellini anda revolvendo com frequência o legado de Pirandello, vide o recente “Leonora Adeus” (ganhador do Prêmio da Crítica na Berlimale 2022), de Paolo Taviani. A chave deste recente interesse pela obra do escritor se reporta à maneira como Pirandello se reporta à culpa sem vetores morais, o que se alinha ao ethos da contemporaneidade, em sua fluidez e liquidez.

Na trama escrita por Andò, em parceria com Ugo Chiti e Massimo Gaudioso, Pirandello encara uma crise criativa no momento em que esbarra com dois atores de espírito mambembe, Onofrio Principato (Valentino Picone) e Sebastiano Vella (Salvatore Ficarra, brilhante), que estão ensaiando um espetáculo com intérpretes não profissionais, num processo em que vaidades coletivas afloram.

O método deles desperta a curiosidade de Pirandello, que se comporta com um observador atento, mas silencioso, ruminando hipóteses criativas.

ENTREVISTA / DENIS MÉNOCHET, ATOR

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Integrante do júri do Festival de Cannes deste ano, Denis Ménochet não encolhe a barriga ao tirar fotos, tampouco tem vergonha de expor as gordurinhas ao aparecer sem roupa em filmes como “Peter Von Kant”, que abriu a Berlinale de 2022. “Acredito que existam bons papéis para todos os corpos”, diz o francês de 47 anos, ao Correio da Manhã, expressando sua aversão à gordofobia por trás da ditadura de corpos pasteurizados.

Pasteurizações comportamentais e morais são o foco do longa-metragem que valeu a ele o Goya (o Oscar espanhol) de Melhor Interpretação Masculina este ano: “As Bestas”, com sessão agendada para hoje, em três cinemas do Rio, com sessões às 14h, na grade do Festival Varilux. Tem no Cinemark Downtown, no Espaço Itaú de Botafogo e no Estação NET Gávea. A direção é de Rodrigo Sorogoyen.

Na trama, um casal francês, Olga e Antoine (Marina Fois e Ménochet), muda-se para uma vila no interior da Galícia, buscando proximidade com a natureza. Eles levam uma vida sossegada, plantam vegetais e recuperam casas abandonadas, mas não têm uma boa relação com os outros habitantes. Após rejeitar um projeto de energia elétrica eólica, dois irmãos da vizinhança se desentendem e levam a situação ao limite.

É um deslumbre ver Ménochet explodir em cena. Era bonito também vê-lo implodir no cult “Bastardos Inglórios” (2009).

Ali, sob a batuta de Tarantino, ele escancarava de vez todo o sofrer do fazendeiro Sr. Lapadite diante de um inquérito nazista, com lágrimas a escorrer entre goladas num copo de leite e baforadas num cachimbo. Visto faz pouco ao lado de Joaquin Phoenix, no exótico thriller psicológico de amor e terror “Beau Tem Medo”, catapultou ainda mais o seu prestígio internacional. Cheio de humildade, ele virou um dos mais populares intérpretes europeus do momento.

A conversa a seguir costura um par de papos que o Correio da Manhã teve com Ménochet, entre os festivais de Berlim e de San Sebastián, de onde ele saiu ovacionado por “Peter Von Kant”. Antes de ouvi-lo, anota a dica: há uma derradeira sessão de “As Bestas” no Varilux nesta quarta, às 14h, no Estação NET Botafogo.

O que ‘As Bestas’ te trouxe de mais potente?



Destaque do Varilux 2023, ‘As Bestas’ transformou Ménochet num dos mais populares astros da França

‘Todo corpo tem vez’

Denis Ménochet: Antes de tudo vem a parceria com grandes colegas e poder dimensionar as formas como eu posso me encaixar na pesquisa que diretores e o elenco fazem da cena. Eu virei ator sem nunca ter feito teatro, de uma maneira inusitada. Fui a uma banca comprar seda para enrolar um baseado e vi um anúncio de um curso de interpretação. Fui lá, fiquei e acabei fazendo “Bastardos Inglórios”. Apesar do meu visual rechonchudo, cevado a litros de vinho, eu acabei sendo chamado para vários longas, em papéis distintos. Nesse novo filme, tenho uma oportunidade de dissecar a psiquê alquebrada de um homem abalado pelo universo que o cerca, tentando proteger os seus.

Seu rosto tem sido uma presença constante no Festival Varilux nos últimos anos, num sinal de que sua produtividade é ampla. Como tem sido sua agenda?

Houve um momento, perto da estreia

de “Peter von Kant” na Berlinale de 2022, em que me vi completamente afastado dos meus amigos. Logo depois do período mais crônico da pandemia, eu passei 11 meses da minha vida acordando e dormindo com as palavras “Ação!” e “Corta!” no meu ouvido. Uma hora tive que me ausentar e ir pruma casinha na Bretanha, ficar cercado de dois cães, golden retrievers bem grandões, que eu amo. Mas logo retomei o trabalho. Não dá pra parar. Eu me lembro do encanto que tive de filmar com Joaquin Phoenix e de ter perguntado para ele como é sua rotina. Ele foi bem-humorado e disse que se surpreende de ver que os diretores ainda o chamam apesar de todo o trabalho que dá. É um ator gigante. Vê-lo em cena a se preparar é como ver um Stradivarius ser afinado.

O audiovisual é cruel com a questão do peso? Como?

Quando eu me vi nu em “Peter von

Kant” tomei um susto pois nunca tinha visto o quanto a minha bunda estava grande. Apesar disso, estou nas telas. Todo corpo tem vez. Você trabalha sempre, dependendo do que tem a oferecer aos papéis que te confiam. Boas coisas entraram em convergência na minha vida por eu ter confiança em mim e por agir como um skatista que se lança numa rampa em busca do movimento perfeito, mas curtindo o movimento.

De que maneira você avalia o empenho do cinema francês para manter as salas lotadas?

Existe streaming, existe a TV, existe o teatrão comercial, existe o teatr independente, existe a ópera, existem musicais... Mas, no fim das contas, o cinema é uma fogueira que acende toda a indústria cultural pop que nos cerca. É bacana saber que a gente tem diversidade. O cinema francês se agarra nas diferenças, em termos François Ozon, em termos Céline Sciamma, em termos coproduções com a Espanha, como “As Bestas”. Os irmãos Lumière, que começaram tudo isso eram franceses. Fomos nós que lançamos a “Cahiers du Cinéma”. A gente investiu pesado na proteção do sistema de produção de filmes, como sendo uma tarefa de extrema importância para o governo. A gente está na luta.

Uma canção para o melhor amigo do homem

Simoninha traz ritmo e suingue em música de Renato Teixeira e melodia de Antônio Adolfo em parceria apadrinhada por Fagner

O cantor Fagner é padrinho de uma parceria inusitada, mas provável e possível, de Renato Teixeira com o celebrado músico e pianista Antônio Adolfo. O eterno intérprete de “Borbulhas de Amor” já é parceiro do autor de “Romaria” no álbum Naturezas, disco dos dois lançado pela gravadora Kuarup em 2022.

Um belo dia, o cantor e compositor cearense enviou ao amigo Renato Teixeira o esboço de uma melodia no piano sem nenhuma explicação. Inspirado e surpreso por receber uma canção de Fagner ao piano, Renato acabou por complementar o trabalho com letra e devolveu a provocação para análise do amigo melodista. Surpreso também, Fagner indagou: “Quem foi que te enviou essa melodia?”



Fagner, Simoninha, Antônio Adolfo e Renato Teixeira

A confusão se esclareceu quando Fagner se deu conta de que havia encaminhado por engano um arquivo em MP3 do amigo Antônio Adolfo para o parceiro Renato Teixeira. Uma gafe que renderia uma boa história e parceria, que começou com várias trocas de letras e melodias e vai se tornar um álbum de Renato Teixeira e Antônio Adolfo com previsão de lançamento em 2024

com várias participações especiais como Roberta Campos, Elba Rinalho, Carol Saboya e Wilson Simoninha, convidado e intérprete de Caramelo, primeira música do projeto, letra de Renato Teixeira, uma homenagem aos cachorros, melhores amigos do ser humano.

A participação de Simoninha no projeto foi escolhida e decidida com carinho pois Antônio Adolfo guarda emocionada lembrança

do cantor Wilson Simonal, interpretando sua obra “Sá Marina”, sucesso na década de 1970, que o pai de Simoninha eternizou e por isso os parceiros Renato Teixeira e Antônio Adolfo pensaram e decidiram: “Essa música é pro Simoninha cantar”. O convite chegou a tempo e o cantor honrado, ainda sem entender muito bem, questionou: “Mas afinal, quanto é que eu preciso pagar para entrar nesse projeto?”

O single “Caramelo” já está nas plataformas digitais além da estreia de um Podcast com bate-papo descontraído e divertido, proporcionado pela Kuarup, para os artistas Renato Teixeira, Antônio Adolfo, Simoninha e o maestro e produtor artístico Maurício Novaes falarem das parcerias, da criação da música e do arranjo com a participação especial de dois cachorros caramelo em vídeo que estará disponível no YouTube no mesmo dia, antecedendo o álbum para 2024.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Ponte Brasil-Itália

A cantora, violonista e compositora ítalo-venezuelana Manu Napolitano lança a canção “Perdida no Tempo”, uma ponte entre países com o talento da brasileira Ana Costa. A canção oferece uma visão intimista do universo feminino e de seus sentimentos inquietos, unindo samba jazz, bossa nova e som cubano e enriquecida por toques funkeados. Além de instrumentista, Manu é também etnomusicóloga e sua jornada musical a levou a explorar uma variedade de gêneros e culturas mundo afora.

Divulgação



Divulgação

Imersão na trilha

O ator e cantor Rafael Infante decidiu se aventurar e compor a canção original de “Não Tem Volta”, comédia romântica que estrela ao lado de Manu Gavassi, e que chega aos cinemas este mês. De nome homônimo, a música criada pelo carioca busca ilustrar o longa de forma bem humorada, e trazer para a trilha sonora um pouco da sua vivência por trás das câmeras. O single já está disponível nas principais plataformas digitais. “A ideia era contar essa história através de uma roupagem diferente do que vemos no cinema”, conta Infante ao falar do terceiro single de sua trajetória musical.

Filipe Redondo/Divulgação



Canto pela igualdade

Um grito poético sobre a urgência pela igualdade de gênero é o tema central de “Mismo”, novo single de Estrela Leminski. A faixa faz parte de uma série de lançamentos da artista neste ano, enquanto prepara novidades para 2024. A música tem sua origem em um poema premiado de Estrela Leminski, feito enquanto ela estava na Espanha durante seu período de mestrado. A música foi composta por Leo Minax e já foi interpretada por Juliana Cortes e Bruna Lucchesi. Agora, como um single de Estrela, a faixa conta com arranjos e produção musical de Téo Ruiz, que divide o vocal na faixa.

Por Guilherme Luís (Folhapress)

Depois de viajar os Estados Unidos de costa a costa e estremecer a capital do México e da Argentina, Taylor Swift veio parar o Brasil. Não é exagero. Monitorada em tempo real por milhares de fãs a bordo de um luxuoso jatinho que decolou de Nova York, a cantora desembarcou no Galeão na tarde da última quinta-feira, na véspera da estreia de sua megaturnê “The Eras Tour” no país. Assédio dos fãs à parte e prestes a completar 34 anos, e uma década depois de sua última passagem por aqui, a americana chega como estrela irrefragável do pop e tida como uma das cantoras mais ricas do mundo.

São credenciais invejáveis se comparadas com as que ela tinha quando pisou no Brasil pela primeira e última vez, em 2012, para divulgar o disco “Red”. À época, Swift até já era famosa e respeitada na indústria, mas ainda tentava estourar a bolha da música country, gênero em que apostou no início da carreira.

O sucesso da “The Eras Tour” - que começou em março nos Estados Unidos e se estende até dezembro de 2024, indo para outros continentes -, que já se tornou uma das mais lucrativas da história, é prova do poderio da cantora, hoje dona de um império tão megalomaniaco que escapa das suas mãos.

Segundo o jornal The Washington Post, a turnê movimentou cerca de US\$ 5,7 bilhões na economia dos Estados Unidos, onde Swift fez mais de 50 shows. O grupo de rastreamento de shows Pollstar projeta que a arrecadação total da “The Eras” chegue à marca do bilhão no próximo ano.

Com tanto dinheiro envolvido, espera-se algo monumental. São quase três horas de duração, com uma setlist de cerca de 45 músicas que tenta dar conta de toda a discografia de Swift, que já cantou pop, folk, country e música alternativa.

Quem já viu de perto as diferentes facetas da cantora é a pesquisadora Glenda Mello, uma das poucas pessoas que ouviu a artista cantar ao vivo no Brasil em 2012. À época, Swift fez um pocket show só para



Divulgação

“Eras Tour” irá até o fim do próximo ano, tornando-se a mais lucrativa turnê da história

Uma turnê gigantesca

Como Taylor Swift ergueu império megalomaniaco que ganha forma na ‘Eras Tour’

convidados e fãs selecionados. “Hoje ela tem um entretenimento mais forte nos shows. Investiu bastante e aprendeu a dançar melhor. Agora ela faz danças super sexy que antes a sua própria mãe teria vetado”, diz a fã.

Foi com o disco “Reputation” que Swift cravou a imagem de estrela do pop no imaginário popular, afirma Glenda. “Ela tinha ficado uns quatro anos sem aparecer, e nesse período criou confiança, mudou e cresceu muito”, diz.

A “The Eras Tour” virou um evento pomposo também devido aos fãs. Os “swifties”, como eles se apelidam, criaram uma série de condutas de comportamento para o show, com folhetos digitais que dizem o que deve ser feito na apresentação.

Fã-clubes se reuniram para definir as regras. Eles pedem, por exem-

plo, que o público grite “Brasil” na reta final da canção “Blank Space”, e que atire confetes para o alto em “Long Live”. Há ainda o projeto Eras Lights BR, comandado por 12 voluntários, que distribui pedacinhos de papel celofane verde, amarelo e azul para a plateia: os fãs colocam o papel em frente à lanterna do celular e iluminam o estádio com as cores da bandeira brasileira durante “Champagne Problems”.

Tragédia na plateia

Mas problema mesmo foi a morte da fã Ana Clara Rodrigues, sul-matogrossense de 23 anos, que passou mal durante o show. Ele teve uma parada cardio-respiratória agravada pelo calor registrado no show de sexta-feira no Engenhão e pela proibição de entrar com garrafas d’água dentro do estádio. E a produ-

ção decidiu cancelar a apresentação do sábado, gerando revolta entre os pagantes.

De certa forma, milhares de “swifties” já puderam ver a americana de perto no começo do mês, com a estreia de “Taylor Swift: The Eras Tour”, que mostra nas telonas a turnê quase na íntegra.

Virou tradição ir ao show com os braços lotados dos acessórios, cujas miçangas formam nomes de músicas ou frases que remetem a Swift. Os fãs trocam os acessórios entre si.

Houve até quem transformou a brincadeira em negócio. A vendedora de miçangas Camila Pires, no ramo há dois anos, diz que nunca teve tanta demanda como nas últimas semanas e que abriria uma loja virtual para dar conta dos pedidos.

Quem se deu bem com a chegada Swift ao Brasil foi Caio Faria,

criador da loja virtual Bepop, que comercializa roupas e objetos personalizados com estampas de cerca de 80 artistas desde 2020. Ele conta que a Bepop dobrou o seu recorde de faturamento mensal em outubro, quando lançou uma coleção de camisetinhas com 42 estampas de Swift. Os produtos representaram 86% da renda da loja no mês passado.

Na Bélgica, Swift virou fonte de renda para a professora de literatura inglesa. Elly McCausland leciona na Universidade de Gent um curso que relaciona as composições de Swift a autores como Sylvia Plath e William Shakespeare. “Muitas pessoas reagiram mal. Há muitos que são céticos em relação à cultura pop e à Taylor. Investigamos no curso o que isso nos diz sobre sociedade, misoginia e educação. O que estou tentando é fazer com que os alunos apreciem literatura”, defende.

O cambista Bob Júnior se pergunta o porquê de tanto furor. Ele diz ter comercializado cerca de 20 ingressos para os shows de Swift quando as vendas ocorreram em junho. Cobrou entre R\$ 2 mil e R\$ 2,5 mil por cada um. Nos canais oficiais, os tíquetes custavam entre R\$ 380 e R\$ 1.050 - todos esgotados. “Foi muito fora da curva, uma loucura. Nunca tinha presenciado uma venda tão grande como essa”, diz ele, que é cambista desde 1993.

Os fãs de Swift travaram uma guerra com os cambistas. Dezenas de barracas foram erguidas em frente ao Allianz Parque, estádio paulistano que recebe a cantora nas próximas sexta, sábado e domingo (24, 25 e 26), nas quais os amantes da cantora disputavam lugares com quem só queria comprar as entradas para revender por um preço inflado. Surgiram brigas no local, o que levou à interferência da Polícia Civil.

Quando Swift visitou o Brasil pela primeira vez, não houve essa baderna. Ela havia lançado há poucos meses uma parceria com a sertaneja Paula Fernandes. À época, as duas se uniram para uma entrevista para o SBT, conversa que virou meme por causa da interação dura entre elas. Também ganhou um boneco do papagaio Louro José enviado por Ana Maria Braga, presente que recebeu com cara de poucos amigos.

Por trás de um grande homem existe uma mulher oprimida

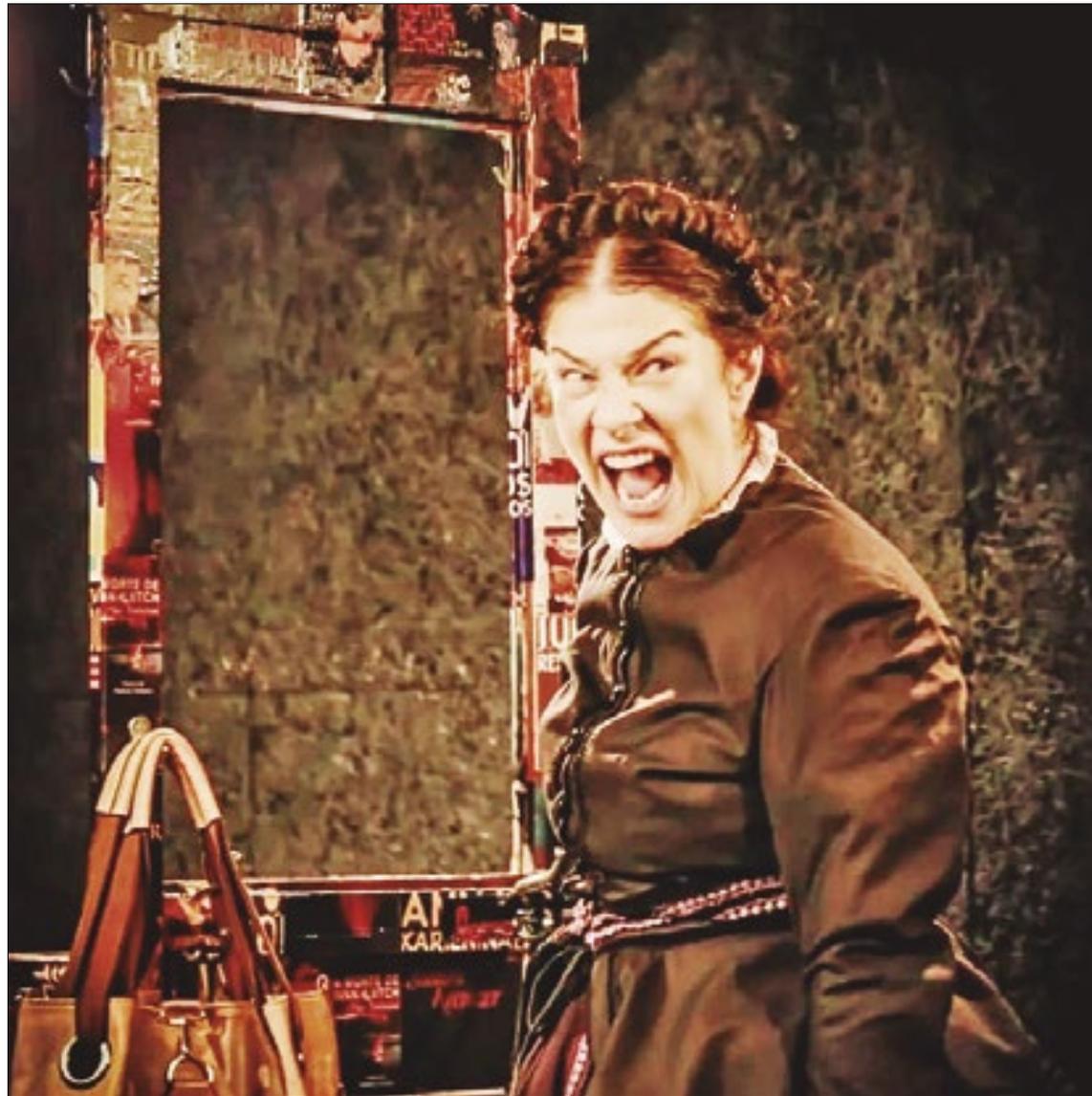
Alberto Maurício/Divulgação

Monólogo ‘Só Vendo Como Dói Ser Mulher do Tolstói’ expõe o machismo tóxico do escritor russo

A relação tóxica do célebre escritor russo Leon Tolstói com a esposa Sofia é a grande revelação do monólogo “Só Vendo Como Dói Ser Mulher do Tolstói”, que reestrea no Teatro Dulcina, para temporada até 7 de dezembro, às quartas e quintas-feiras, com ingressos a preços populares.

Com texto de Ivan Jaf, direção de Johayne Hildefonso e música original de André Abujamra, a peça expõe o machismo do autor dos clássicos da literatura mundial “Guerra e paz” e “Anna Karenina”.

O figurino de época da peça, assinado por Giovanni Targa, foi indicado ao Prêmio Fita. Os trajes pesados que remetem ao severo inverno russo são destaque na montagem, mas dão muito trabalho. Que o diga a atriz Rose Abdallah que se despe em cena. “O figurino por si só é um espetáculo, passando por vários séculos 18, 19 e 21 as roupas são colocadas e trocadas durante a apresentação como camadas. Como são roupas pesadas com muitos detalhes e muitos botões, a concentração é ampliada na execução. Tem uma ordem certa para



Rose Abdallah tem um intenso trabalho cênico trocando os figurinos em cena aberta

vestir as peças”, explica Rose, que dá vida a Sofia Tolstói, cujos diários escritos durante 48 anos comprovam um relacionamento patriarcal, machista e abusivo.

Ofuscada pela fama do marido por dois séculos, só agora, com os movimentos de empoderamento feminino, a voz de Sofia começa a ser ouvida. Em “Só vendo como dói ser mulher do Tolstói”, uma atriz prepara-se para entrar em cena no papel de Sofia. No camarim,

mistura a voz da personagem com sua voz feminista atual, indignada e revoltada com o escritor machista e abusivo. Mistura também épocas – inícios dos séculos XX e XXI – e espaços – Rússia e Brasil. Em uma linguagem do nosso tempo, Sofia enfim fala. Nos bastidores da vida de um grande homem, havia mesmo uma grande mulher, mas ela foi massacrada e oprimida.

“Conhecia Sofia Tolstói apenas por foto e sempre ao lado do mari-

do Leon Tolstói, o grande romancista russo. Quando li o monólogo, foi uma mistura de sentimentos: amor por ela e choque por conhecer o outro lado de Tolstói. Apesar de toda sua genialidade, ele era um homem comum, um russo seguidor fiel dos ensinamentos do Domostroi, que, em russo, significa ‘ordem na casa’, ‘se o marido não domar a esposa, todo lar desmorona’. Conheço várias mulheres que ainda hoje vivenciam os mesmos

conflitos que Sofia. Talvez leve mais alguns séculos para que uma mudança concreta ocorra e que, finalmente, as mulheres tenham seu protagonismo reconhecido! Salve Sofia Tolstói! Salve o protagonismo feminino”, exalta Rose Abdallah, que acaba de gravar a série “Reis – A Sucessão”, cujos últimos capítulos vão ao ar na TV Record, no final deste mês.

Sofia foi casada com o célebre escritor russo Leon Tolstói por 48 anos, até que, no dia 28 de outubro de 1910, ele fugiu de casa e acabou morrendo dez dias depois na estação ferroviária de uma pequena vila a 300 quilômetros de distância. O pior foi que a culpa sobre a morte do famoso escritor recaiu sobre Sofia, que foi considerada uma megera da qual Tolstói havia fugido e por isso morreria.

Foram quase 50 anos de brigas entre o escritor e a esposa. Um século de machismo estrutural, somado à imensa fama planetária e importância da obra de Tolstói, legou à Sofia o papel de megera. No entanto, o movimento feminista vem corrigindo essa injustiça. Durante toda a relação, cada qual retratou em diários o que se passava entre eles, em detalhes. É a leitura atual desses diários que está revelando o verdadeiro vilão dessa história. À luz das modernas teses feministas, fica clara a relação tóxica, abusiva e patriarcal do homem Leon, independentemente de seu inquestionável talento literário. É a partir do conteúdo desses diários que o dramaturgo Ivan Jaf constrói seu monólogo, dando voz a Sofia. Não uma voz contida pela repressão da mulher na Rússia do começo do século XX, sob o peso da Igreja Ortodoxa e da mão pesada do czarismo, mas um discurso com toda a verve libertária da indignação feminina atual.

SERVIÇO

SÓ VENDENDO COMO DÓI SER MULHER DO TOLSTÓI
Teatro Dulcina (rua Alcindo Guanabara, 17 – Cinelândia)
Até 7/12, às quartas e quintas-feiras (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA / QUIOSQUES / ORLA DE COPACABANA

Um bom lugar pra comemorar

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Imagina que os parentes de fora querem comer uma feijoada bem na segunda-feira? E tem o pessoal do clube que falou que está afim de forró e de baião de dois? Agora as crianças querem é hamburger e espeto? E faltou o pessoal do trabalho que, esse ano, falou que uma boa é botequim? E atender a todo esse povo?

Pois é, pensa que você pode fazer tudo isso, no calçadão de Copacabana, praticamente, dentro da areia? Aqui vão quatro sugestões que vão ajudar a acertar, de fio a pavio, começando pelo Leme.

A Mureta do Leme, para começar tem a vista mais incrível do Rio. Com drinques

renovados- o Caipilé tem picolé de limão – ótimos petiscos como o dadinho, de tapioca, fritinhos com muito queijo. Agora, a melhor é que lá é dos poucos lugares que tem feijoada todos os dias, desde manhã até a madrugada, com direito a farofa, couve, torresmo e arroz soltinho.

O quiosque Arrastapé, em frente à República do Peru, especializado em comida nordestina até no café da manhã com cuscuta de milho, tapioca com queijo coalho, aipim cozido na manteiga. Todos os pratos, como o baião de dois genuíno, a cachaça e, o melhor, uma música com os ritmos nordestinos que todo mundo tem que tirar o pé do chão.

Ao ladozinho fica o Espetto Carioca. Além dos tradicionais carne, frango e queijo, são mais de 30 opções, que variam das carnes



As famosas batatas croc do Enchendo Linguica

tradicionais, passando pelo corte premium, carnes exóticas, até sabores vegetarianos e veganos, acompanhados da farofinha. Completam o menu os ótimos hamburgueses

Um dos botecos mais cariocas, o Enchendo Linguica, em frente à Siqueira Campos, apresenta petiscos, sanduíches, o melhor Joelho de Porco da cidade com salada de batata e chucrute. Os drinques são autorais e as lin-

guicas deliciosas são todas preparadas na casa e a batata croc (pedaços de linguica fina envolvidos em chips de batata) são de esquecer da família.

SERVIÇO

Todos os quiosques funcionam de segunda a sexta (9h a 1h) e sábados e domingos (8h a 1h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Angelo DalBo/Divulgação



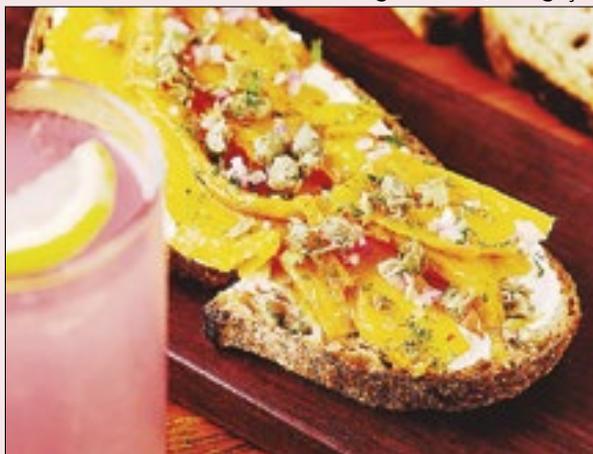
Vegano de prima

Espaço de gastronomia criativa, sustentável, orgânica e 100% vegetal, o Teva Deli chega à Copacabana com um serviço raro: café da manhã e brunch servidos durante todo o dia. Também tem cafés especiais, padaria e delicatessen, com versatilidade de sabor, criatividade e propósito do chef Daniel Biro, referência da cozinha vegana. Com produtos de pequenos produtores, o cardápio vai do café ao coquetel, da tapioca à empanada, do iogurte ao hambúrguer e um docinho para arrematar, além de vender na mercearia.

Rodrigo Azevedo/Divulgação

Vive la France!

O Votre é brasserie típica, com o ambiente, os pratos e serviço de primeira (guardanapos de pano, detalhe). O premiado chef Chico Farah e Pedro Grandó oferecem um menu de altíssima qualidade, tudo feito em casa, com sorvetes, os pães, os molhos, as massas e os clássicos ovo mollet, tartare, até o caranguejo gigante (centolla) e o carro chefe cochon lait-desfiado, prensado e pururuca. Sobremesas e drinques criativos, como os perfeitos profiteroles e o Bloody Mary inesquecível, servidos com maestria pela equipe. C'est si bon. @votre.brasserie



Divulgação



Ostras & vieiras

Com vista panorâmica da praia de Copacabana, o Flora, instalado no terraço do Hotel Selina, no coração da Lapa, proporciona uma experiência única, na qual gastronomia, coquetelaria e música se unem em um ambiente aconchegante. Rico em produtos frescos e sazonais, o cardápio é comandado pela chef Itana Pinheiro. Já os drinques, marca registrada do bar, são criações do talentoso mixologista Lelo Forti. Durante a Restaurante Week, o cardápio do Flora apresenta ótimas opções: vieiras, ostras, mignon, camarão e sobremesas, tudo com ingredientes brasileiríssimos.

Natal em balõeszinhos

Uma leva de gibis de tons pop e provocações políticas se candidatam a best-seller nas festas de fim de ano

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Já é Natal para o mercado de quadrinhos: à espera da chegada do Bom Velhinho, o mercado se aquece com procura por títulos encadernados e gibis mensais. Confira a seguir uma leva de leituras imperdíveis para pedir ao Papai Noel.

SUPERGIRL: A MULHER DO AMANHÃ: Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada aqui num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma garota alienígena a procura para uma missão de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. O roteiro é do aclamado Tom King.

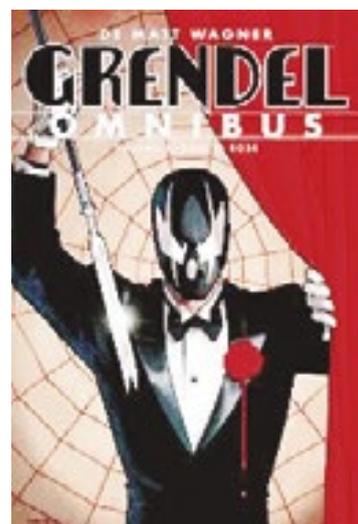
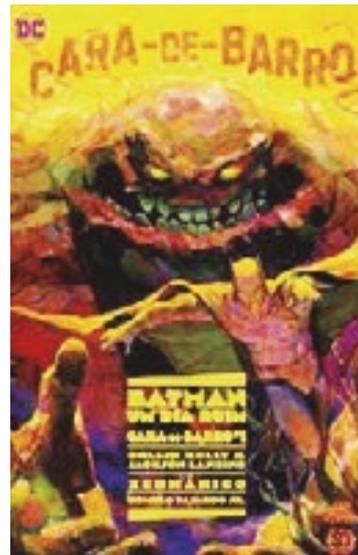
ESPELHO MEU: O roteirista e editor Alexandre Callari, do brilhante “Arena”, está de volta à criação autoral pelas veredas do terror, desta vez ao lado do artista Robson Moura para contar uma labiríntica história de paranoia, ira e perdas. Em sua trama, a atriz Laura Brondi já teve o mundo aos seus pés. Ela foi pro-



Fotos Divulgação

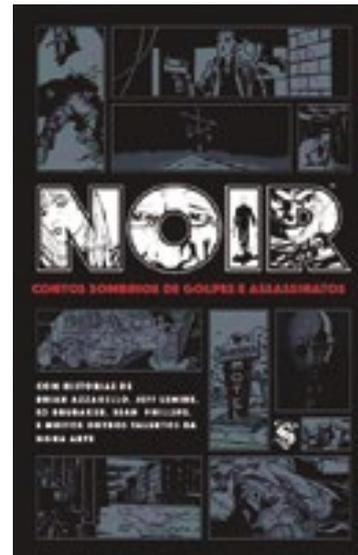
tagonista de novela, estrela de diversos filmes e inspirou toda uma geração quando jovem, mas, agora, sua vida não vai muito bem. As boas ofertas de trabalho diminuíram conforme a idade pesava em seus ombros. E, acima de tudo, Laura sente que é um anacronismo num mundo em que a exposição nas mídias sociais se tornou uma nova regra para alcançar o sucesso. Mas uma série de fatos que desafiam qualquer explicação começam a ocorrer com ela.

SESENTA PRIMAVERAS NO INVERNO: Aimée de Jongh e Ingrid Chabbert assinam um dos maiores acertos do quadrinho do ano no mercado nacional. Cabem à editora Nemo todos os louros da inclusão e da excelência por trazer ao Brasil a HQ do ano. Encarada hoje como a quadrinista mais inquietante de nosso tempo, a autora holandesa responsável por cults como “Táxi!” une seu talento ao da roteirista francesa Ingrid Chabbert para falar de amor numa fase outonal da vida. No dia em que completa 60 anos, Josy, a protagonista desta joia, recusa-se a assoprar as velas do bolo de aniversário. Ela já está de malas prontas. Havia tomado uma decisão: iria deixar o marido e a casa para recuperar a sua liberdade, ganhando a estrada



com a velha Kombi.

BATMAN: UM DIA RUIM - CARA DE BARRO: Criado por Bill Finger e Bob Kane, os



pais do Homem-Morcego, em 1940, Basil Karlo é um ator fracassado que se utiliza do fato de seu corpo ser uma massa de lama moldável para se adaptar a qual-

quer papel. Porém, quando recebe um “Não!” num teste ou num sete, sua psiquê fraturada apela para a violência. Xermánico assina as magníficas ilustrações deste especial que integra uma série de gibis sobre vilões de Gotham City. Collin Kelly e Jackson Lanzig assinam o roteiro, repleto de suspense.

ÁRDUO AMANHÃ: A autora Eleanor Davis ganhou o LA Times Booker Prize por um estudo precioso sobre o limite entre inércia e resiliência numa narrativa que celebra a união, na amizade e no amor. Sua protagonista, Hannah, uma cuidadora de idosos, que anda cheia de dúvidas em suas cabeças, é “a” personagem de quadrinhos do ano em nossas livrarias. Seu namorado é maconheiro profissional que vive da erva e sonha finalizar uma casa do campo, para plantar legumes e cânhamo. Já Hannah só quer ter um bebê. Mas a vida anda cruel com seu desejo. O traço de Eleanor é de uma elegância modiglianesca.

GREDEL OMNIBUS VOL. 1: A Mythos vai fazer muita gente chorar ao resgatar as tramas que fizeram de Matt Wagner um dos pilares da cena independente (porém, pop) do quadrinho americano nos anos 1980 e 90. Temos aqui um compiladão das aventuras de Hunter Rose, um escritor que sai pelas ruas mascarado e se torna um líder do crime. O álbum conta com um trabalho gráfico primoroso em preto, branco e vermelho.

NOIR - CONTOS SOMBRÍOS DE GOLPES E ASSASSÍNOS: A editora Skriptá faz a festa de quem curte tramas criminais ao lançar um compiladão em PB sobre picaretagens, assalto e mortes sob encomenda assinadas por bambas como Jeff Lemire, Sean Phillips, os irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon e Brian Azzarello.